

Em direção ao máximo e além: Milton Nascimento e as tradições ocidental e árabe da virtude

Jean Lauand¹

Resumo: Na tradição ocidental, a virtude tem sido sempre considerada a plenitude do ser humano, como resume Tomás de Aquino: *ultimum potentiae*, ou, em linguagem de hoje, o máximo do que se pode ser. Curiosamente essa mesma concepção ocorre em outras culturas, como a Tupi. Milton Nascimento compôs uma canção que expressa o próprio cerne dessa tradição. A língua árabe dá um passo além: a virtude excede!

Palavras chave: Virtude. ser humano. Tomás de Aquino. Milton Nascimento. Língua árabe.

Abstract: In Western tradition virtue has been always considered to be the natural plenitude of human being, as Thomas Aquinas summarizes designating virtue as *ultimum potentiae*, or, in modern language, the maximum a person can be. Curiously, the same occurs in other cultures including Tupi. Milton Nascimento wrote a song in which he expresses the very core of that tradition. Arabic language goes one step further: virtue exceeds.

Keywords: Virtue. Human being. Aquinas. Milton Nascimento. Arabic Language.

Virtude: o máximo

Muitas (e sempre insuficientes) têm sido as homenagens a Milton Nascimento, especialmente desde que, em 2012, ele celebrou 70 anos de idade e 50 de carreira.

Em depoimento certo, diz Maria Rita: “A forma como o Milton compõe: essa mistura do ultrabrasileiro, daquela região..., de Minas (...) com as letras, com aquela consciência, com aquela voz...” (Arquivo N, 22-08-12). O universal, o clássico, a partir da mineiridade...

É bem o caso de uma de suas mais geniais canções: Yauaretê (Milton Nascimento / Fernando Brant), do álbum de mesmo nome, composta há mais de 25 anos. Canção nem sempre lembrada, muito pouco compreendida, mas de assombrosa genialidade. Ao focar a palavra tupi *jaguarê* (como também o faz Guimarães Rosa, em seu famoso conto), Milton/Brant atingem profundamente o próprio centro da problemática antropológica e ética, clássica do Ocidente e, a seu modo, também dos Orientes.

Trata-se do problema da compreensão do próprio ser do homem e de sua realização. Tal concepção pode resumir-se numa memorável formulação do poeta Píndaro, quinhentos anos antes de Cristo: "Torna-te o que és!". Essa sentença recolhe da forma maximamente enxuta, um conceito chave para o pensamento grego: *areté*.

Areté, para os propósitos do breve espaço deste artigo, poderia ser traduzida por “virtude”, mas, por diversas razões (como a falta do uso vivo dessa palavra hoje: quem de nós a ouviu ou falou recentemente?), os tradutores preferem vertê-la por *excelência* do ser. A excelência, o máximo, superlativo do ser de algo: *areté* no golfe é Tiger Woods; *areté* de atacante é Neymar em dia inspirado; *areté* de cavalo não se encontra em um pangaré qualquer, mas no ímpeto do cavalo árabe.

O caso torna-se problemático quando o pensamento grego – com Sócrates e Platão – indaga pela *areté* do homem. Sal que é sal, salga; centroavante que é centroavante, mata; homem que é homem... quê?

¹. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

Nestes 2500 anos de antropologia e filosofia moral não chegamos nem perto de uma resposta cabal sobre a *areté* do homem, o que é natural nas questões filosóficas. Seja como for, há – em diversas culturas – algumas constantes: a afirmação de que a moral se enraíza no ser – e até com ele se confunde – é uma convicção universal. Bem entendido, o ser em processo de busca dessa excelência; daí que Tomás de Aquino fale da virtude como o máximo que se pode ser e o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper tenha resumido o ideal da virtude/areté como “processo de auto-realização”: *selbstverwirklichungsvorgang*. (Nem é preciso dizer que, em nenhum caso, essa *areté* é pensada como algo exclusivamente do eu individual, à margem do outro; pelo contrário, a auto-realização passa pela abertura e sempre vige a conhecida sentença de Ortega y Gasset: “*Yo soy yo y mi circunstancia y si no la salvo a ella no me salvo yo*”).

A afirmação da *areté* como ideal moral não é apanágio da filosofia, mas encontra-se também em diversas outras instâncias: é o sentido profundo do *to be or not to be* shakesperiano (*that is the question...*), encontra-se na Comédia de Dante, na tradição confuciana; do "Torna-te..." de Píndaro às *turnures* da língua tupi...

Na *Divina Comédia* (Purg. XXIII, 31-33), ao tratar da recomposição do ser, desfigurado pelos desvios morais, encontramos este enigmático terceto:

"Pareciam-lhes os olhos anéis sem gemas
E quem no rosto dos homens lê 'homem'
Bem poderia reconhecer o M"

Que significa este misterioso M? (*emme* que rima com *gemme*). O sentido desses versos é que a ação injusta atenta contra o próprio ser de quem a pratica, desfigura-o, rouba-lhe o *to be*, o rosto humano - poeticamente figurado, em concretismo, na palavra "OmO" (omo, na língua de Dante, significa homem).



Também para Confúcio - e para a tradição do Extremo Oriente, registrada não só em seus tratados sapienciais, mas até mesmo enraizada nas línguas - a moral é o ser homem (*ren*, em chinês / *jin*, em japonês; e a virtude da humanidade também é *ren*, cujo ideograma se obtém por uma como que “duplicação” do ideograma *ren*-homem, ou seja um homem a dois: aberto para o outro), e o imoral (*fei-ren*) é o não-homem, como plasticamente indica o ideograma da negação e da falsidade, da desestruturação desde dentro, da desagregação, anteposto ao ideograma *ren* homem.



Curiosamente essas idéias fundamentais (da excelência, do máximo, do ser ou não ser...) são encontradas também na sabedoria da língua tupi. Ensinam as gramáticas que o superlativo em tupi, constrói-se pelo sufixo *-eté*, ajuntado a um termo. Assim, por exemplo, se *jaguar* designa diversos animais de cachorro a onça, jagareté é a “onça máxima”, a mais feroz. Tal como a *areté* grega, o sufixo *-eté* significa não só o superlativo, mas também, aquele que é de verdade.

Já o contrário de *-eté* faz-se com o sufixo *-rana*, cujo significado, neste contexto, é o de: *parecido* no sentido de falhado, fracassado, o que parece mas não é. Precisamente o oposto de *-eté*. Se *jagareté* é a onça por excelência, jagarana é um cãozinho medroso que foge de gato... *Ibi-eté* é a terra boa e fértil; *ibirana*, a estéril: parece terra, mas falta-lhe a virtude de terra.

Ora, para o tupi - que usa o sufixo *eté* como intensivo, superlativo e índice de verdade ontológica - o homem bom moralmente é *aba-eté*, ou seja, o homem de verdade, que se aproxima da *areté* de homem. Enquanto o homem imoral é *aba-ran*, pseudo-homem.

O drama fundamental ético-existencial transcende o âmbito da filosofia acadêmica e atinge a arte popular, na genial canção de Milton. Na inspiradíssima letra, o homem dialoga com a onça yauaretê, a onça Maria, pedindo-lhe - a ela que já atingiu a *areté* de seu ser-onça: *jaguar-eté* - que lhe ensine o correspondente ser-homem.

Senhora do fogo, Maria, Maria
Onça verdadeira, me ensina a ser realmente o que sou
põe a sua língua na minha ferida
Vem contar o que fui, me mostra meu mundo
Quero ser jagaretê
Meu parente, minha gente, cadê a família onde eu nasci?
Cadê meu começo, cadê meu destino e fim?
Para que eu estou por aqui?
Senhora da noite, senhora da vastidão
Ouvir pegadas e pegar
Seguir a sina de sangrar para se alimentar
Tem de guerrear, lutar, matar para sobreviver
Pois assim é a vida...
Quem vem lá? É onça que já vem comer
Quero ser a onça, meu jagaretê
Quero onçar aqui no meu terreiro
Vou onçar sertão e mundo inteiro
Já está na hora da onça beber o seu
Vou dançar com a lua lá no céu
Dama de fogo, Maria, Maria,
Onça de verdade, quero ter a luz
Ouvir o som caçador
Me diz quem sou, me diz quem fui
Me ensina a viver meu destino
Me mostra meu mundo, quem era que eu sou
É onça que já vem comer;
A onça, meu jagaretê

Ser onça de verdade, “onçar” superlativamente é comparativamente fácil; trata-se simplesmente de: pegar, sangrar, lutar, matar... Mas, e eu que sou homem? Que devo fazer para ser abaeté? Onça Maria, me ensina a ser realmente o que sou; me

mostra meu mundo, quero ter a luz, me ensina a viver meu destino e descobrir quem era que eu sou... O que resume 2500 anos de pensamento filosófico.

Daí que outro grande gênio, Tom Jobim, preferisse o apelido de Jaguarê para Milton, em vez do, muito menos expressivo (embora consagrado), Bituca: "Meu Yauaretê, minha onça verdadeira. Você é o rei da floresta, rei da mata brasileira. Meu Taquaraçu de espinho, meu carioca mineiro. Meu amor e meu carinho. Uiarapurú verdadeiro. O amador de passarinho".

Virtude: excedendo o máximo, “sobrando”

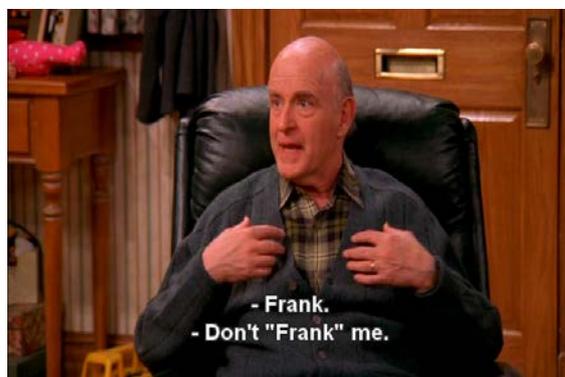
Uma notável qualidade da língua inglesa é o fato de o substantivo ser também já quase automaticamente um verbo. Enquanto o português tem de dizer: “Eu vou pôr isto no microondas”, o inglês diz simplesmente: “I’ll microwave it” (claro que entre nós não cabe: “Vou microondá-lo”).

Mais um par de exemplos, tomados da conhecida série de TV *Everybody Loves Raymond*, boa amostra do falar real quotidiano.

No episódio 7 da temporada I (“Your place or mine?”), Raymond cansado da intromissão em sua vida da super protetora e cuidadora mãe, Marie, diz que se ela quiser “bebezar” alguém (tratar alguém como criança, mimar com cuidados), que “bebeze” Frank, seu marido...: “Look, if you want to baby somebody, go baby Dad”.



E no episódio 23 da temporada IV (“Confronting the attacker”), quando Marie começa a ameaçar Frank, chamando-o com a prosódia típica do vocativo de repreensão (Fraank...!), o marido responde com o inusitado verbo “to Frank”: “Não me **frankize**”, “Don’t Frank me”.



Como tantas outras influências do inglês, esse fato gramatical já vai tendo adeptos no Brasil. Por exemplo, a Folha e o Estadão (timidamente) começam a empregar o neologismo “medalhar” (no sentido de conquistar medalhas: “Fulano não medalhou nas Olimpíadas”).

Nossas dificuldades com as ações verbais são por vezes supridas por gírias ou novos usos de velhos verbos. Se podemos dizer tranquilamente que o goleiro Cássio foi excelente na final contra o Chelsea; no plano verbal já não é tão fácil: não existe o verbo “excelenciar” e temos que recorrer a formas menos eruditas como: “arrasou”, “detonou”, “apavorou” etc. Já “Tiger Woods excelled” encontra-se aos milhares na imprensa.

Para significar excelência, há alguns anos vem sendo usado, com um novo sentido ainda não dicionarizado, o verbo “sobrar”: a manchete do Terra Esportes, no glorioso dia 16/12/12, foi precisamente: “Cássio sobrou na área corintiana nas bolas aéreas”. Até o vetusto Estadão o emprega, parcimoniosamente, em seu caderno de Esportes. Muito mais usado é outro novo sentido de “sobrar”: atingir, caber, “coisa ruim ou desconfortável” (Houaiss), ainda não contemplado pelo Aurélio. Nesse sentido, uma das Frases do Ano de 2012 foi a bombástica declaração de Marcos Valério (Folha, 3-11-12): “Não podem condenar apenas os mequetrefes. Só não sobrou para o Lula porque eu, o Delúbio e o Zé [Dirceu] não falamos. Lula era o chefe”.

A acepção, popular e coloquial, de “sobrar” no sentido de excelência, acaba coincidindo com o clássico conceito de virtude. Como dizíamos, o conceito grego de virtude, *areté*, é melhor traduzido por excelência. E para Tomás de Aquino, o melhor referencial da teologia cristã medieval, a virtude dirige-se ao *ultimum potentiae*, nada menos do que o máximo do que se pode ser. Daí a extrema cautela na época em se atribuir a alguém virtude, considerada mais um ideal assintótico do que algo efetivamente atingível. E, no caso da tradição cristã, especialmente para algumas virtudes, há que se contar com a graça, a força sobrenatural dada por Deus, pois transcendem os limites do humano. Daí que alguns poucos goleiros, que, por Deus, manifestam virtudes heróicas e operam milagres, tenham sido canonizados, como o caso de São Marcos do Palmeiras e, a partir de Yokohama, São Cássio.

Voltando à escala humana, virtude pode ser aplicada, digamos, ao exímio cobrador de faltas Marcos Assunção, um autêntico virtuose (claro que ele não converte todas, afinal sempre pode haver um São Cássio do outro lado).

Mas o que dizer daqueles especiais gols do Neymar ou do (absolutamente incrível) gol do Falcão em 18/12/12 no jogo das estrelas do Futsal (o vídeo no youtube <https://www.youtube.com/watch?v=1SGo4RC1FNM> beirou os 4 milhões de acessos em 4 dias): uma indescritível carretilha de costas... os comentaristas hesitam até em dar-lhe um nome, talvez porque duvidem que se possa repetir.

O site de esportes internacional Sportygossip diz: “Falcao has exceeded himself with this unbelievable goal”. Não é meramente exímio: excedeu, sobrou.

E com isto viemos dar com uma importante nota do conceito árabe da palavra virtude: *fḍl* (faḍylah).

Como se sabe, na língua árabe as palavras são expressas fundamentalmente por radicais triconsonantais, no caso f-ḍ-l, e costumam ser muito mais confundentes do que as “correspondentes” ocidentais. Um exemplo de pensamento confundente dá-se com o nosso “dever”, que o inglês diferencia em cerca de meia-dúzia de distinções. Assim, no outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem frequentemente dou carona, perguntei: “E aí, você vai para a USP amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. O leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor

possibilidade de saber o que significa esse “*devo*”, entre nós, muito confundente. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei “devo ir”, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

Assim, em torno de *fḍl* confundem-se, entre outras, as ideias de sobrar (exceder, transbordar) e virtude. A virtude, portanto, não é associada a um “mero” máximo, mas ao sobrar, ao transbordante...

Essa acumulação semântica, para eles tão conatural como o nosso “devo ir”, permite sugestivas situações. Como no caso de um pedido qualquer: “por favor” em árabe é precisamente: *min faḍlik*, literalmente “da sua transbordância (/ virtude etc.)”. “Da sua transbordância, poderia me dar um cigarro”; que, certamente, não se refere a uma transbordância de cigarros, mas à generosidade da alma da pessoa a quem se pede o favor.

Outra sugestiva situação é a de quando num happy hour *sobra* um último pastel e resolve-se o impasse de a quem cabe o petisco, oferecendo-o a um dos comensais, dizendo: “Al-faḍli lil faḍyl” – o que sobra é para o virtuoso (/transbordante / preferido...).

Aplicada a Allah – à Sua transbordância, favor, preferência, virtude... – *fḍl* aparece no Alcorão 62 vezes. Allah supera, excede, transborda... Na sura IV (73), são prometidos prêmios divinos aos que fazem boas obras e ainda mais: “Allah lhes acrescentará algo de Sua transbordância”. Há notórios favores de Allah para a humanidade, mas a maioria dos homens nem agradece (II, 243; X, 60; XII, 38 etc.).

A tradição muçulmana dos 99 nomes de Deus reconhece que há ainda, no Alcorão e nos *hadith*, outros nomes (que sobram) de Allah: e certamente o Transbordante (o Obsequioso) é uma dessas características divinas (XXVII, 73), já que os homens, que mal dão conta do básico, só em raríssimos casos, e com os devidos descontos, podem ser chamados de virtuosos.

Recebido para publicação em 12-05-13; aceito em 15-07-13